

# A Universidade amanhã

BERNARDO GONÇALO \*

O homem da rua sabe que as Universidades existem: que concedem licenciaturas e outros graus académicos; que proíbem congressos, seminários e colóquios, que preparam para a vida activa os que são considerados os melhores cérebros do País. E sabe também que, para tudo isto, paga anualmente umas dezenas de milhões de contos.

Mas, porque gosta de reciclar as suas certezas, o homem da rua, uma vez por outra, ao ouvir os ecos do que se passa para além dos altos muros das Universidades, dá consigo a cogitar sobre o papel que cabe hoje a tais instituições e, em especial, a imaginar o espaço que ocuparão no futuro.

Recordou-se de ter lido, algures, que, entre nós, tudo começou quando, em certo dia do século XIII, D. Diniz, ao informar o seu conselho de que «cuidei em minha vontade o proveito comum dos meus reinos em fazer haja em eles Estudos de todas as Ciências» queria na sua dizer: criei a Universidade de Coimbra.

E recordou-se também de que, à medida que o tempo ia passando, as Universidades iam crescendo, em número, em frequência, em áreas do conhecimento e também em importância social e política, tendo-se tornado mecanismos distribuidores de patentes, em carreiras que surgiam aos olhos como as que eram concedidas pelos reis à nobreza e pelos governos ao funcionalismo público.

Lembrou-se de que os cursos ministrados nas Universidades tinham sido considerados superiores, designação que não entendeu por não ter lobbado quais seriam os cursos merecedores de epíteto inverso.

Leu ainda que, com o tempo, os «currículos» académicos foram sucessivamente adaptados de modo a servirem melhor o interesse da nação sem servirem pior os interesses do Poder.

Estas alterações não se reflectiam, pelo menos negativamente, nos privilégios dos mestres, cada vez mais chamados a pronunciar-se sobre os mais diversos temas,

inclusivamente sobre os que conheciam bem.

Lembrou-se depois o homem da rua de que, há algumas décadas, a Universidade começou a ser contestada. Contestada pelos que entendiam que ela se fora afastando da realidade, contestada pelos que entendiam que ela persistia em viver voltada para o passado; contestada pelos que entendiam que ela criava élités à custa das massas, a cujo desenvolvimento voltava as costas.

Assistiu o homem da rua a que, às Universidades velhas, de facto, se juntaram Universidades novas, de nome; a que estas, o Estado juntou ainda Institutos Politécnicos e Institutos Universitários, e a iniciativa privada juntou, também, Universidades e outras instituições do ensino superior.

E, querendo manter-se actualizado, todos os dias juntava recortes dos jornais com a criação de novas instituições, enquanto revia conhecimentos que se tinham tornado obsoletos sem que ele percebesse porque, como os que referiam que alguns institutos, depois de terem sido politécnicos já tinham sido crismados de universitários e posteriormente tinham ascendido a universidades.

Deu consigo a tentar descobrir onde começavam e acabavam as Universidades, ao mesmo tempo que se congratulava com a enorme diversidade dos cursos oferecidos aos estudantes que, depois de competições diversas, a eles têm acesso.

E considerou que, se essa diversidade, que em muitos casos visa a especialização, é bem necessária nos dias de hoje e mais necessária se torna se encarada a complexidade da vida de amanhã. No entanto, pensou, tal especialização tanto pode conduzir à morte das Universidades como ser a alavanca que as leve a desempenhar o papel para que estão vocacionadas, já que traduzirá numa dispersão por todo o tecido social. Porque, se o futuro não irá conhecer Universidades ansiosas e reumáticas, agarradas ao «Trivium», que de pouco mais serviriam que de toscos mecanismos de pressão do Poder, conhecerá as que terão de estar aptas a responder, eficazmente, às solicitações que na sociedade em busca de progresso irá fazer de forma cada vez mais premente, seja a propósito de engenharia

genética seja a propósito da robótica ou da investigação histórica.

E os alunos? Aqueles para quem, a fazer fé em decretos-leis e discursos, as Universidades foram criadas?

Quando, de muito em muito longe, os alunos dão consigo a cogitar no que é e no que deveria ser a Universidade, sentem que, se muitos dos problemas do Homem são datados, as soluções também o são, donde que, cabendo à Universidade o fornecimento de instrumentos para que os seus alunos possam, futuramente, colaborar na resolução de alguns desses problemas, também ela, em cada departamento, em cada Faculdade, deve tentar sempre, não ser ultrapassada e caminhar na primeira linha, mostrando-se capaz de aceitar desafios, de travar lutas.

Daqui que o maior perigo que as Universidades hoje encaram seja o de se tornarem mastabas onde rotina seja cumprimentemente aceite por professores e alunos que, sabendo, uns e outros, como as Universidades deveriam ser, aceitem passivamente que ela seja como é.

Se professores forem sempre um pouco estudantes, com coragem para saírem dos limites da célula cujo estudo lhes valeu a cátedra para tentarem investigar com os alunos o tecido do seu todo, se os alunos quiserem que a Universidade seja mais do que a repartição onde, a troco de rituais mais ou menos burocratizados, os Manés passem a ser os «senhores doutores» Manés; se o Estado apoiar interessada mas desinteressadamente as Universidades, estas poderão ajudar o homem a servir-se da Cultura, e portanto da justiça na construção de um mundo onde seja bom viver.

E, se o conseguirem, o homem da rua perceberá que vale a pena existirem Universidades, sejam elas grandes ou pequenas, públicas ou privadas; perceberá que vale a pena lutar por elas; perceberá que valerá a pena suportar os encargos com o seu funcionamento.

E o certo é que o homem da rua quer mesmo perceber tudo isto.

\* Professor

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Universidade - opinião